



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

BOLETIM INTERNO

DA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

Orientação e Responsabilidade da Seção Técnico-Educacional

A N O I X

S E T E M B R O

D E 1 9 5 5

N Ú M E R O I X

I N D I C E

P. G. S. Nº

R E C R E A Ç Ã O

"Movimento da Recreação" Tradução de
Angélica Franco 143

E D U C A Ç Ã O

"Considerações sobre a Educação do
Menor Portador de Deficiência do Apa-
relho Locomotor". Jenny Ribeiro 145

PROBLEMAS EDUCACIONAIS

Dulce Gomes Fernandes 151

MATERIAL DIDÁTICO

"Hino das Árvores" - música 154
"Canto Primavera" - música 154
"Acrobatismo" - poesia 155
Cassiano Ricardo

FREQUENCIA NOS PARQUES INFANTIS

Junho de 1955 156

FREQUENCIA NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO SOCIAL

E FAMILIAR - Junho de 1955 157

MUSEU E MATERIAL DIDÁTICO

Julho de 1955 158

BIBLIOTECA ESPECIALIZADA

Julho de 1955 158

AGENCIA ARRECADADORA

Julho de 1955 159

N O T I C I Á R I O

159

MOVIMENTO DA RECREAÇÃO

A recreação não é uma coisa tangível e estática, mas uma força vital, influenciando as vidas dos povos. É essencial à felicidade e satisfação na vida. Através a recreação, o indivíduo cresce e desenvolve seus poderes e personalidade. Como Harry A. Overstreet expressou:

"O homem, que cultiva seu jardim, toca seu violino, percorre afoitamente campos e colinas, troca idéias com seus amigos, está enriquecendo sua vida com aquelas qualidades que a transformarão numa deliciosa experiência de aventura, como a vida deve ser".

A recreação é tão essencial que se torna um assunto de âmbito público. Oportunidades para recreação devem ser oferecidas a todos. Porque as condições da vida moderna têm negado a muitos, os meios de auto-expressão, através da recreação, os líderes reconheceram o perigo resultante para os indivíduos e a sociedade. Da compreensão dessa necessidade surgiu o movimento da recreação.

O significado do movimento da recreação, suas relações a outros movimentos e sua dependência deles foram claramente apontados na seguinte citação:

"Trata-se de um movimento para os séculos e não simplesmente para hoje ou amanhã. Pertence e faz parte da religião, educação, indústria, serviço social, movimentos de saúde, movimentos de prevenção de crime, de formação do caráter, movimentos nacionalistas - embora não pertença exclusivamente a nenhum deles, porque em si mesmo é um lado da vida".

A dificuldade em definir ou contrastar a recreação com outros campos, tais como educação, é devida em parte ao fato de que a recreação é algumas vezes considerada em termo de atividade e outras como uma atitude ou espírito. Recreação e Programa de Educação de adultos, por exemplo, incluem muitas atividades em comum e estas atividades não podem ser atribuídas exclusivamente a um ou outro campo. Suas diferenças estão primariamente nas atitudes das pessoas empenhadas nelas, nos objetivos procurados e nos métodos pelos quais as atividades são conduzidas. Entretanto, o que é importante lembrar, é que a recreação é uma atitude ou espírito que encontra expressão em formas variadas de atividade e que traz recursos para uma vida feliz e abundante para crianças, jovens e adultos.

+++++

No início do movimento da recreação a questão "Porque ensinar a criança a brincar", era frequentemente proposta. Mesmo os líderes cívicos e pais que reconheciam a necessidade de instalar playgrounds nas cidades de grande densidade demográfica a chamavam desnecessários os orientadores de recreação. "O brinquedo é natural" diziam eles. Este argumento não é mais tão frequente hoje, mas ainda é ouvido. As pessoas que assim objetam, não compreendem que enquanto o impulso para o brinquedo é natural, as formas de brinquedo não o são. A criança nasce com a habilidade para falar mas as palavras que ela usa são ensinadas por sua mãe, seu pai e seus companheiros. É o mesmo com o brinquedo. O recém-nascido não herda seus brinquedos com os dedos mas os aprende com sua mãe ou irmãos mais velhos. O menino aprende jogar bola ao cesto com seu pai, seus irmãos mais velhos ou companheiros no playgrounds. Ele não nasce com o conhecimento ou habilidade que lhe

permitam jogar este jogo. Do mesmo modo, o brinquedo com bonecas da menina é uma imitação da atividade de sua mãe. O brinquedo tem sido sempre ensinado.

Porque liderar o brinquedo?

Os pais, irmãos e companheiros estão sempre ensinando as crianças a jogar, quer oferecendo-lhes um exemplo para imitar, ou instruindo-os. Embora de grande valor, este ensinamento natural, informal e muitas vezes inconsciente, não é bastante. Suplementando o ensinamento dos pais e companheiros, o líder de recreação dá um significado profundo à vida recreativa da criança, integrando-a numa experiência mais ampla. As condições que tornaram os playgrounds e centros de recreação uma necessidade, tornaram também indispensável o líder do brinquedo e jogos.

A medida que os espaços para recreação tornaram-se limitados, as oportunidades para os brinquedos das crianças tornaram-se restritas. Com o desaparecimento dos campos abertos e dos riachos, acabaram-se para as crianças as oportunidades para as caminhadas de aventuras com seus companheiros em que subiam em árvores, pescavam e nadavam. A rua, com suas fontes de brinquedo limitadas e perigosas, tornou-se seu playground. À medida que as casas tornaram-se menores e os campos foram substituídos pelo quintal e para muitas crianças pela casa de aluguel coletiva sem qualquer espaço para brincar dentro ou fora - a oportunidade para jogos, para construir coisas, para cuidar de jardins ou animaizinhos desapareceu completamente. Os grupos de brinquedo entre irmãos e irmãs diminuíram à medida que as famílias tornaram-se menores. O trabalho nas fábricas e oficinas afastou os pais do lar durante a maior parte do dia e as crianças foram obrigadas a procurar muitos de seus brinquedos fora de casa e as mães perderam contato com eles. Consequentemente, muitos pais não puderam mais participar intimamente dos brinquedos e jogos de seus filhos.

As crianças sempre receberam ensinamentos a respeito das formas de brinquedo, mesmo as mais simples, e como a oportunidade de aprender em casa desapareceu, quase que completamente, há necessidade de dar-lhes orientação em suas atividades recreativas.

Brinquedo sem orientação.

As crianças brincam sem orientação. O impulso para brincar é tão forte que não pode ser destruído por mudanças nas condições de vida. Mas se o ambiente frustra sua livre expressão, as atividades recreativas poderão tornar-se tão destrutivas quanto normalmente são construtivas. O brinquedo em si mesmo não é bom ou mau. Um menino que atira uma pedra em uma vitrine, de modo a ser perseguido pelo proprietário, pode estar obedecendo à mesma necessidade de aventura que impele os meninos dos campos quando numa tarde de verão brincam de "Corre, corre cordeirinho". Mas o dono da loja e polícia não desculpa a transgressão da lei pelo menino, simplesmente porque ele estava brincando. Se ele foi apanhado, será considerado como um delinquente juvenil ou a caminho de vir a ser um delinquente.

Os registros das câortes juvenis estão cheias de casos de brinquedos mal conduzidos. George E. Johnson escreveu em sua monografia "Porque ensinar a criança brincar?" o seguinte trecho:

Não se deve esperar que as crianças sejam capazes de lutar com tão complexos problemas sem auxílio. Elas não têm a ne-
cessária disciplina, experiência social ou maturidade de julgamento
tos para avaliar cada situação adequadamente ou habilidade para
resolvê-las satisfatoriamente. Deve haver adultos presentes para
evitar que os arruaceiros monopolizem o playground, para auxiliar
as crianças tímidas a fim de que encontrem oportunidades para
brincar e para providenciar lugar seguro para o brinquedo dos pe-
queninhas enquanto as crianças maiores estão empenhadas em ativida-
des vigorosas.

Chefe da Secção Técnico-Educacional

~~~~~

E D U C A C X O

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO MENOR PORTADOR DE DEFICIÊNCIA DO APARELHO LOCOMOTOR

Trabalho apresentado à Sociedade Pestalozzi de São Paulo, em Setembro de 1953, por Jenny L. Ribeiro.

Antes de se tratar do estudo da organização de instituições especializadas de reabilitação para menores portadores de deficiências do aparelho locomotor, achamos oportuno tecer algumas considerações sobre a classificação que se pode fazer desses menores, sob o ponto de vista pedagógico, e qual a orientação mais indicada para cada um.

Pode-se, de certo modo, classificar êsses menores em três grupos:



## I - MENORES QUE NÃO REQUEREM, PARA SUA INSTRUÇÃO, METODOLOGIA ESPECIAL DE ENSINO:

Neste grupo se incluem todos os casos que apresentam apenas problema de locomoção (ex.: seqüelas de paralisia infantil, deformidades congênitas, osteomielites, etc.)

Este grupo, por sua vez, deverá ser subdividido em dois:

- 1) - O grupo dos menores que podem se locomover mais ou menos bem, com ou sem auxílio de aparelhos ortopédicos, porém sem depender de terceiros.  
Nesses menores, o defeito não os impede de levar uma vida mais ou menos normal, devendo ser encaminhados para as escolas de seu meio, nas mesmas classes das crianças comuns e no mesmo regime escolar. (sobre o que teremos considerações mais adiante).
- 2) - O grupo dos menores que não podem se locomover por seus próprios meios, necessitando depender de terceiros.

Esses menores, como os anteriores, não necessitam, para seu aprendizado, de método especial de ensino. Entretanto, como seu problema de locomoção é muito grande, tornando-os dependentes, muitas vezes é difícil sua frequência à escola comum. Há ainda a considerar também, nesses casos, o tratamento complementar de que necessitam. Uma boa parte desses casos deve, pois, ser encaminhada para instituições especializadas, a fim de receber instrução, orientação e treinamento profissional e o tratamento complementar (em regime de internato ou semi-internato). Sobre esses casos também teremos algumas considerações mais adiante.

## II - MENORES QUE REQUEREM METODOLOGIA ESPECIAL APENAS PARA PARTE DO APRENDIZADO

Neste grupo se incluem os menores que apresentam grandes limitações de função dos membros superiores (causadas, geralmente, por seqüelas de paralisias infantis, paralisias, obstétricas, traumas, deformidades congênitas, etc.).

Para esses menores não há necessidade, propriamente, de escolas especializadas, mas sim de métodos especiais para o ensino da escrita, trabalhos manuais e outras atividades. Poderão eles frequentar ou a escola comum (onde receberiam algumas aulas especiais) ou ainda serem admitidos, conforme o caso, nas instituições especializadas (em regime de externato ou semi-internato).

## III - MENORES QUE REQUEREM, PARA TODO O APRENDIZADO, METODOLOGIA ESPECIAL

Neste grupo se incluem os casos de menores que apresentam deficiências do aparelho locomotor e problemas da esfera intelectual (causados, geralmente, por paralisias cerebrais).

Esses menores necessitam orientação psico-pedagógica especial, paralelamente à reeducação funcional, o que só poderão receber em instituições especializadas, em regime de internato ou semi-internato.

A organização de instituições tais requer, pois, uma grande equipe de bons técnicos para os dois tipos de reeducação referidos. Haverá necessidade do concurso de ortopedistas, neurologistas, psiquiatras, psicólogos, fisioterapeutas, ortofonistas, professores especializados no ensino de menores excepcionais, assistentes sociais especializados, etc.



Com resumo do que foi exposto, apresentaremos o quadro seguinte:

CLASSIFICAÇÃO DOS MENORES PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS DO APARELHO LOCOMOTOR, SOB O PONTO DE VISTA PEDAGÓGICO

| TIPOS DE MENORES                                                                                                       | Metodologia Indicada                            | Escola Preconizada                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| I - Menores que apresentam apenas problema de locomoção<br>a) locomoção 60% relativa fácil<br>b) locomoção 10% difícil | Metodologia comum 70%                           | a) Escola comum, em classes comuns.<br>b) Escola comum ou especial (de acordo com cada caso) |
| II - Menores com limitação de função dos membros superiores. 5%                                                        | Metodologia especial p/ parte do aprendizado 5% | Escola comum ou especial                                                                     |
| III - Menores com deficiências do aparelho locomotor e problemas da esfera intelectual. 25%                            | Metodologia especial p/ todo o aprendizado 25%  | Escola especializada                                                                         |

Como conclusão, insistiremos no ponto seguinte: não há necessidade de metodologia especial de ensino e, portanto, classes especiais, para os menores que apresentam somente problema de locomoção. Só têm necessidade de classes especiais, com métodos especiais de ensino, os menores que apresentam, além do problema de locomoção, outros, como sejam: limitação de função de membros superiores, deficiências dos órgãos sensoriais ou deficiências mentais.

Considerações sobre o grupo de menores de locomoção relativamente fácil:

Consideram-se aqui os menores que podem se locomover mais ou menos bem, com ou sem auxílio de aparelhos ortopédicos, porém sem depender de terceiros.

Como já dissemos antes, o ideal para esse tipo de menores, é a frequência à escola de seu bairro, nas mesmas classes das crianças comuns e no mesmo regime escolar.

Isso concorrerá grandemente para o seu perfeito ajustamento ao meio familiar e social. Crescerão, assim, esses menores, no meio que lhes é mais propício. Estarão sempre em contacto com os outros menores de seu bairro, que logo se acostumarão com suas limitações e não as levarão mais em conta. Os menores deficientes também se adaptarão desde cedo - e com muito mais facilidade - ao meio que terão que enfrentar mais tarde, quando tiverem que enfrentar a luta pela vida; isto é: - o meio constituído pela maioria de pessoas fisicamente perfeitas. Bem cedo aprenderão a enfrentar e a vencer as dificuldades próprias ao seu estado.

Para os aleijados, como para todos os outros indivíduos, a criança prepara o homem. Após anos de experiência, constatou-se que é mais fácil colocar um deficiente em qualquer trabalho quando ele recebeu uma formação escolar e profissional normais. A educação da criança aleijada deve ser, pois, o mais possível semelhante à das crianças normais. Fora dos períodos necessários de hospitalização pa-



ra tratamento, a criança defeituosa deverá residir com sua família e sair todos os dias para ir à escola, como as demais crianças. Não há necessidade de classes especiais para a criança paralísada: uma sala no andar terreno deve receber, ao mesmo tempo, crianças normais e deficientes de aparelho locomotor. A reunião dos dois tipos de crianças é benéfica, não só para a deficiente, como também para a normal". (1)

Não deixaremos de considerar, entretanto, também, as dificuldades que se apresentam em nosso meio, para a instrução desses menores. Pelo tempo perdido com o tratamento, o menor defeituoso é, em geral, mais velho que seus companheiros de classe. Essa circunstância, aliada ao fato de ele não poder participar, algumas vezes, das atividades dos companheiros, vem criar, muitas vezes, certos problemas psicológicos - o que dificulta sua pronta adaptação ao meio escolar. Esses problemas são também, muito frequentemente, agravados com a atitude das pessoas que cercam o menor e que, com solicitude exagerada, criam falsas limitações para o mesmo. A consideração dessas dificuldades, porém, não deve impedir, nem perturbar os esforços construtivos em vista da real reabilitação do menor deficiente. Pois que, por real reabilitação se entende o desenvolvimento das possibilidades físicas, intelectuais, morais e sociais da criança defeituosa, visando a sua perfeita adaptação ao meio ambiente; isto é - o seu perfeito ajustamento ao ambiente em que vive.

Ora, quanto mais cedo o menor deficiente entrar em perfeito contacto com seu meio ambiente, mais facilmente se adaptará a ele. Deve-se também considerar, opoendo-se às dificuldades acima mencionadas, elementos nitidamente favoráveis: o desejo de independência e o amor próprio do menor defeituoso, que frequentemente o incitam a querer se bastar a si mesmo e a vencer todas as dificuldades que se lhe apresentam. O deficiente, em geral, sente-se bem se é encorajado no sentido de sua relativa independência; no sentido de poder, juntamente com os companheiros comuns, se preparar para a vida.

Não deixaremos de considerar, ainda, os casos de menores que (mesmo estando em condições de frequentar escolas comuns) necessitam do tratamento complementar de reeducação muscular. Não havendo, nas escolas comuns, essa possibilidade de tratamento complementar, não seria conveniente criar nas mesmas (ou pelo menos em algumas delas) esses serviços? Ou seria, então, melhor que esses menores fossem encaminhados para instituições especializadas onde recebessem, ao mesmo tempo, instrução e o referido tratamento? Nossa opinião é a seguinte: a escola compete dar educação e não tratamento, por isso achamos que não seria acertado a criação de serviços de reeducação muscular em escolas comuns. Não achamos também conveniente encaminhar esses menores para instituições especializadas: - o fato do menor deficiente ficar, durante um período mais ou menos longo, afastado do seu meio social, causará a ele, no seu regresso, grandes problemas psicológicos que dificultarão sua adaptação ao mesmo. Achamos que o mais conveniente é que esses menores frequentem sempre a escola comum, do seu bairro, saindo periodicamente para tratamento do que necessitam. Não poderíamos deixar de considerar também, nesse ponto, o problema de deslocamento do menor deficiente do local de sua residência para o local de tratamento e as dificuldades de transporte - problema esse comum a quase totalidade dos casos. Como resolvê-lo, então?

(1)- Hebrard, Jacqueline - "L'Enseignement aux enfants paralysés".



A criação de serviços de reeducação muscular nos diversos bairros da cidade seria a solução ideal - e o lugar ideal para a sua localização é, a nosso ver, o Parque Infantil. Isso poderia ser feito por um trabalho de colaboração entre a direção dêsses logradouros e os serviços de assistência a deficientes do aparelho locomotor, sendo que competiria aos primeiros fornecer o local (e eventualmente professores de educação física) e aos serviços, dar orientação técnica e oportunidade de estágios para os educadores que ficassem encarregados dêsse trabalho. A criação dêsses serviços de reeducação muscular nos Parques Infantís, resolveria, a nosso vêr, não só o problema dêsse tratamento complementar, como auxiliaria grandemente a adaptação dos menores deficientes ao meio comum. O menor deficiente iria ao Parque Infantil, não somente para o tratamento de que necessitasse, porém, também para tomar parte nas demais atividades. Teria, assim, o primeiro contacto com menores comuns, que já seria um início de socialização, e no ambiente mais favorável que se possa desejar.

Há, ainda, uma questão a considerar: mesmo sendo ideal que o menor deficiente frequente escolas e centros de recreação comuns, sempre haverá outros problemas:

- os pais têm receio de que o menor seja maltratado pelos colegas;
- o menor tem receio da curiosidade e zombaria dos companheiros, devido ao seu defeito e ao fato de ser mais atrasado nos estudos que os outros de sua idade;
- as escolas, muitas vezes, recusam receber êsses menores, com receio de que se machuquem ou que perturbem a rotina.

Êsses receios dos pais e dos menores não são, de todo, infundados. Entretanto, faz-se mister assinalar que êsses menores não podem viver eternamente reclusos. Eles terão, mais cedo ou mais tarde, de enfrentar essas dificuldades e quanto antes o façam, melhor para sua perfeita adaptação ao seu meio ambiente.

As escolas também facilmente receberão o menor deficiente e colaborarão para o seu pronto e perfeito ajustamento ao meio escolar, quando compreenderem que a escola comum é a mais favorável para o seu desenvolvimento integral e sua adaptação ao meio social.

Para uns, como para outros, haveria necessidade de um trabalho educativo, o que poderia ser feito por meio de reuniões, palestras, etc.

O fato do menor deficiente ser encaminhado para escolas comuns, não significa, porém, que êle não necessite mais de orientação. Não só êle, como também a família, precisam quase sempre de orientação e estímulo. "Nenhuma criança sofre sósinha suas limitações físicas ou mentais. Qualquer que seja o sentimento dos pais em relação aos filhos excepcionais, sua contribuição é dos mais importantes elementos de trabalho"(2) A família deve, pois, ser orientada no sentido de poder dar uma contribuição positiva para o bom ajustamento do menor ao meio familiar e social.

#### Considerações sobre o grupo de menores de locomoção difícil

Consideraremos, agora, o grupo de menores que apresentam grandes deficiências e são mais ou menos dependentes. Como já dissemos, para a maioria dêsses casos há necessidade de instituições especializadas, preferivelmente em regime de semi-internato (para não afastá-los do ambiente familiar).

(2) - Witmer, Helen Leland - "Psychiatry Clinics for Children"



Passaremos a estudar, agora, alguns pontos a serem observados para uma orientação acertada a esses menores, visando sua real reabilitação.

Como já dissemos, o regime preferível para esses menores é o de semi-internato. Há, porém, entre nós, um grande número de menores que só poderiam receber o tratamento complementar de que necessitam, ensino e treinamento profissional, em regime de internato. Ex.: menores com acentuadas limitações ou que residem em locais onde não teriam possibilidade de receber tratamento, nem instrução.

Como sabemos, o regime de internato é um mal para qualquer menor. Entretanto, é um mal necessário para os casos em questão. Pode-se, porém, reduzir esse mal ao mínimo possível, na organização do regime de vida da instituição.

Primeiro, "não se deve deixar o menor deficiente constantemente só entre outros deficientes". A convivência com outros tipos de menores facilitará grandemente sua adaptação à vida social. O ideal, pois, será que esses menores não fiquem sempre só dentro da instituição e no meio de outras deficientes, mas que saiam para cursos fora da mesma, onde terão oportunidade de convivência com pessoas comuns e de tomar contacto com o mundo em que terão que viver, isto é: o mundo constituído, na maioria, de pessoas fisicamente perfeitas. Essas contactos frequentes do menor internato com o mundo exterior, favorecerão bastante sua integração a esse mesmo mundo, após sua saída da instituição.

Deve-se dar, ainda, a esses menores, o quanto antes, uma orientação positiva no sentido de reduzir sua limitação ao mínimo possível. O menor deficiente necessita adquirir um cabedal de experiências que lhe possam servir no futuro. Quanto mais cedo começar essa aquisição, melhor; se o menor não é acostumado a enfrentar e transpor os obstáculos na infância - que é a época mais apropriada para a aquisição de experiências e formação de hábitos - terá como base, ao chegar à adolescência (época em que estará atravessando uma fase de evolução física e psíquica muito complexa) um conjunto de experiências negativas que dificultarão sua reeducação.

Deve o menor ser orientado para atividades que favoreçam seu desenvolvimento integral. Essa orientação deve ser feita, levando-se em consideração:

- capacidade do menor (não só física, mas também intelectual) para a realização de certas atividades - o que poderá ser estudado por meio de exames médicos e psicológicos e testes de aptidões;
- preferência do menor;
- preferência da família;
- meio em que vive (se é cidade ou roça, capital ou interior, etc.);
- nível econômico e intelectual da família.

Ao ser feita essa orientação deve-se considerar mais o sentido de orientação do menor do que o interesse da instituição. Com isso evita-se perda de tempo e de energias em experiências, podendo-se acompanhar esses menores, mais acertadamente, para as atividades que estejam mais de acordo com sua capacidade e personalidade, nível da família, e das quais possam se



vir, mais tarde, no meio em que vivem. O encaminhamento do menor deficiente para certas atividades deve ter em vista, portanto, o seu futuro. Esse preparo para a vida futura é importantíssimo e o menor deficiente deverá receber desde cedo, não só um cabedal de conhecimentos que ~~lhe~~ possam ser úteis, mas também uma orientação prática para a vida que irá levar quando sair da instituição.

É preciso que se proporcione, também, a êsses me  
nores, a formação de uma mentalidade que os torne aptos a en  
frentar a vida que se lhes depara; a fazer com que haja, por  
parte dos mesmos, aceitação para essa vida.

Considerando-se também que, em nosso meio, são, na maioria, procedentes de lares pobres, deve-se ter a preocupação de lhes proporcionar, desde cedo, o hábito do trabalho. Deve-se encaminhar, portanto, êsses menores, desde logo, para trabalhos de acôrdo com sua idade e capacidade e pelos quais se sintam responsáveis.

O menor deficiente tem, em geral, tanta vitalidade como qualquer outro e essa vitalidade deve ser orientada no sentido de um trabalho útil para si e para o meio em que vive. Isso lhe proporciona um certo equilíbrio, uma certa confiança em si mesmo e vem satisfazer a um anseio natural a êsses menores: o anseio de produzir, de se sentir útil.

O deficiente não quer apenas receber benefícios e assistência: reclama também uma ocupação, um trabalho que o faça sentir-se um elemento cooperante do meio social.

JENNY RIBEIRO  
Assistente Social

~~~~~

PROBLEMAS EDUCACIONAIS

O Setor de Pesquisas e Visitas da Seção Técnico-Educacional realiza diversos trabalhos, salientando-se: pesquisas sôbre as causas da frequência irregular dos educandos às Unidades ou seu afastamento; orientação dos pais sôbre a importância dos Parques, Recantos e Centros de Educação, o que é feito através das visitas domiciliares; auxílio aos Educadores das Unidades, no sentido de procurar resolver os problemas educacionais que se apresentam com os educandos.

Assim é que o Setor de Pesquisas e Visitas, além de manter contato com diversos problemas de ordem emocional e social, que são os mais frequentes, tem sentido a realidade do problema do menor deficiente em nosso meio. Estes contatos, ainda que rápidos, com o problema das crianças portadoras de deficiências, têm servido para alertar os Educadores sobre a sua responsabilidade perante essas criaturinhas que estão a espera de que cada membro da sociedade lhes dê o seu apôio.

Ensejar à criança um ambiente adequado para o seu desenvolvimento, é dever da sociedade. E essa responsabilidade cresce quando êste ser tem limitações tais, que sua capacidade de adaptação ao meio social se apresenta sensivelmente reduzida.

Desejando dar uma contribuição, ainda que pequena, a esta coluna, apresentamos um caso que bem ilustrará o quanto o Parque Infantil, por intermédio de seus Educadores, pode e faz em benefício dessas criaturinhas, que inconscientemente nos estendem as mãozinhas, num gesto que demonstra o quanto esperam de nós.

RELATÓRIO DE UM CASO INDIVIDUAL

Menor S.L., de quatro anos, apresentando deficiência locomotora, em consequência de Paralisia Infantil.

Procedência: Compareceu ao Parque Infantil São Rafael, em 20/12/50, tendo sido atendido pela Educadora Sanitária que constatou, não só a dificuldade do menor em se locomover, com também o fato de não estar realizando, regularmente, o tratamento indicado.

Tratando-se pois, de um caso problema, foi-nos encaminhado para orientação.

Estudo do caso

Primeiramente, procuramos saber, da médica que o tratara - Dra. Elisa Bierrembach Savoy - qual a indicação atual para o tratamento do menor e a conveniência de participar das atividades do Parque Infantil. A referida médica esclareceu que a indicação era apenas a seguinte: uso de aparelho ortopédico bilateral (que o menor já possuía) e reeducação muscular. Informou também que em vista da mãe alegar dificuldade em levar o pequeno regularmente à sua Clínica, a orientara no sentido de fazer os exercícios em casa. Entretanto, havendo a possibilidade dos exercícios serem feitos no Parque Infantil se prontificava a dar a orientação necessária à Educadora que fosse se encarregar de tal.

Fomos, em seguida à residência do menor, onde tivemos ocasião de vê-lo. Estava a se arrastar pela casa, pois, sem o aparelho, não consegue permanecer de pé, não o usando por achá-lo muito incômodo. (Observamos, nesse ponto, que não há muito estímulo para caminhadas, pois, a habitação consta apenas de quarto e cozinha, não havendo quase espaços livres para locomoção). Quanto aos exercícios, alegou a mãe falta de tempo para realizá-los em casa, devido aos vários afazeres domésticos.

A família é composta do casal e 4 filhos menores. A situação econômica é difícil, pois o marido - que é sapateiro - não ganha o suficiente para proporcionar conforto aos seus.

Em conclusão, verificamos:

- os exercícios indicados pela médica - e que deveriam ser realizados diariamente - são negligenciados, com a alegação de falta de tempo;
- o aparelho ortopédico não tem sido usado, talvez por não dar a família o devido valor ao mesmo ou por excesso de emotividade (pelo fato do pequeno dizer que o incomoda) ou ainda por um pouco de negligência.

Em consequência, está havendo o retardamento da recuperação muscular, comprometendo, assim, seriamente, a integridade física do menor.

Notamos também que S.L. é uma criança completamente dependente, pois recebe, no lar, super-proteção, não tendo oportunidade de se desenvolver pelo método de ensaios e erros. Não há também, oportunidade para socialização, visto o menor permanecer sempre entre quatro paredes;

Plano de orientação do caso

- Em vista das observações acima, fizemos o seguinte:
- esclarecemos a mãe quanto ao modo de tratar o menor.
 - orientamo-la, também quanto ao benefício que a frequência regular ao Parque Infantil poderá trazer ao mesmo;
 - ressaltamos a necessidade do uso contínuo do aparelho ortopédico;
 - verificamos a possibilidade dos exercícios, indicados para o menor, serem feitos no Parque Infantil e, desde o primeiro contato com a família, já fomos pondo em prática a

Orientação e assistência ao menor e família

Assim, procuramos mostrar aos familiares:

- a inconveniência da super-proteção ao menor - o que vem impedir o desenvolvimento natural, tão necessário para que se torne auto-suficiente;
- as vantagens da frequência regular do menor ao Parque Infantil, onde, não só teria espaço e estímulo suficiente para se locomover com o uso do aparelho ortopédico, como também encontraria um ambiente adequado ao seu desenvolvimento social e, conseqüentemente, seu ajustamento à sociedade em que terá que viver.
- a necessidade do uso contínuo do aparelho ortopédico, para que o menor possa manter-se em posição ereta, evitando, assim, deformidades e pouco desenvolvimento dos membros afetados.

OBSERVAÇÃO:- Tendo a família alegado dificuldade em pagar os uniformes para o Parque Infantil, entrámos em entendimento com a Direção, que se prontificou a fornecê-los.

Resultados obtidos

Tratando-se de pessoas que só desejavam o bem do menor, os pais aceitaram e procuraram seguir nossa orientação.

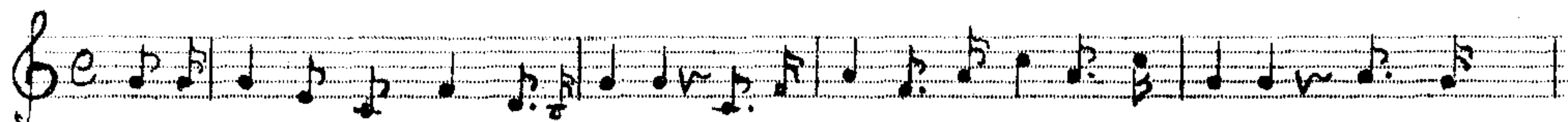
Nesse sentido, procuraram matricular não só o menor S.L. mas também os outros filhos no Parque Infantil.

Nos primeiros dias S.L. não se adaptou bem ao Parque talvez pelo fato de permanecer muitas horas do lar e usando aparelho ortopédico (coisa a que não estava habituado). A mãe, porém, seguindo nossa sugestão, começou a mandar buscar o pequeno antes do fim do período.

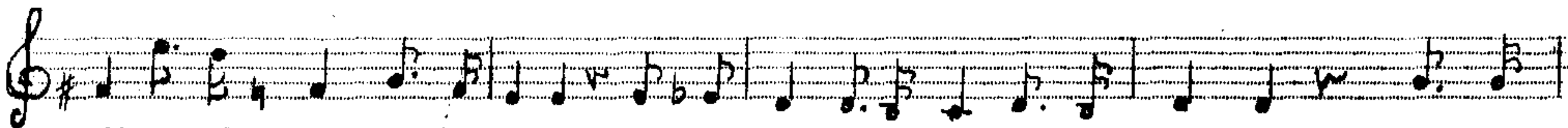
Atualmente ele usa o aparelho ortopédico o dia todo, frequenta o Parque Infantil regularmente, e lá permanece o período completo, perfeitamente ajustado. Resta, pois, resolver, apenas, a questão da reeducação muscular. E, já contamos, para isso, com a colaboração das Educadoras da Unidade que têm demonstrado interesse pela boa adaptação do menor.

Finalizando, desejamos também relatar que S.L. tornou parte em uma excursão, levada a efeito pelo Parque Infantil e, pelos seus comentários, pode-se avaliar o que esse acontecimento representa de felicidade em sua vida.

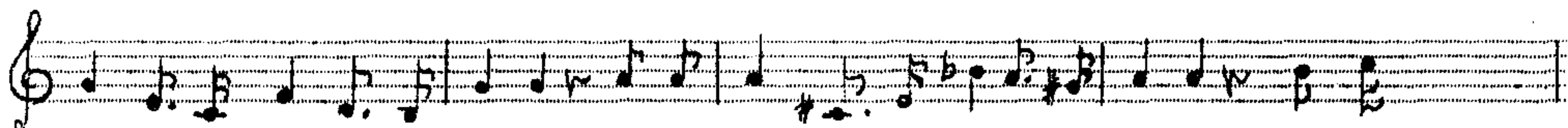
Hino das Árvores



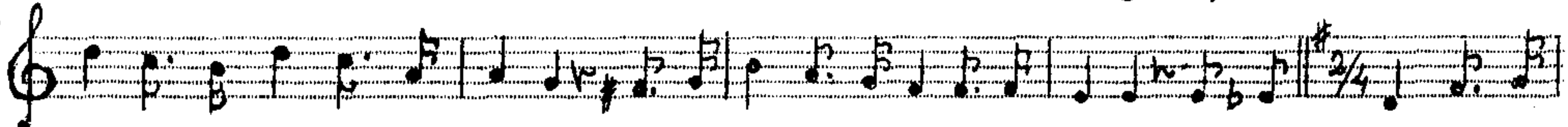
Ale--gremos das árvores a festa com os brilhos da nossa ale--gria; brotem



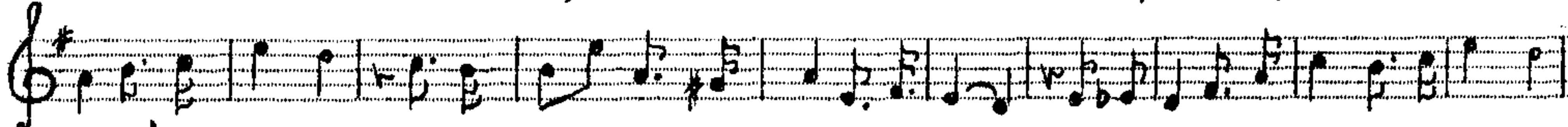
flores da espessa flo--resta, pendam ninhinhos dos ramos um dia . A l. e -



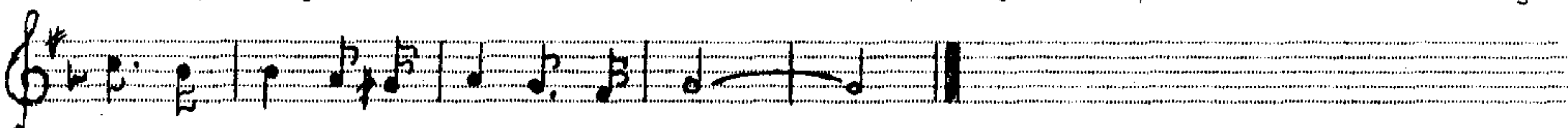
gremos das árvores a festa com os brilhos da nossa ale---gria ; bro---tem



flores da espessa flo--resta, pendam ninhinhos dos ramos um dia, verde, .. verde é a



côrd'espe-rança: cresci ver--des formosas no chão. Cada planta ao rir da criança



pede à terra da vida con--dão.

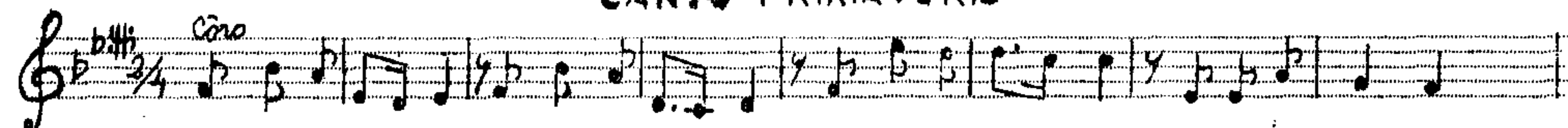
2 | Chovam bênçãos dos céus em cascatas / Sobre o seio materno da terra: / Contra a morte inclemente das matas / Surja a nossa bandeira de guerra:

3 | Guerra aos ímpios, ingratos machados, / Tregua ao fogo impiedoso e sem dó. / Que amortalha as flores dos prados / E transforma os bosques em pó. :|

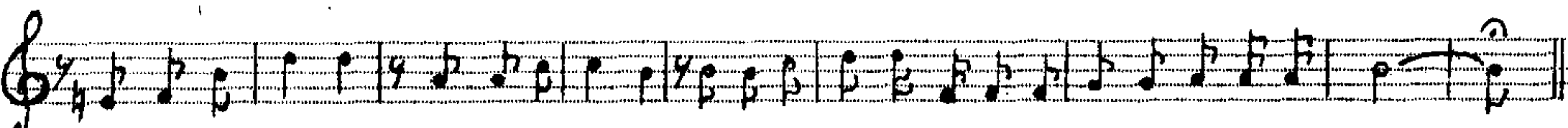
4 | Neste céu, todo azul e esplendores, / Altos hinos refuljam agora / De crianças e plantas e flores, / congraçadas em rútila aurora. :|



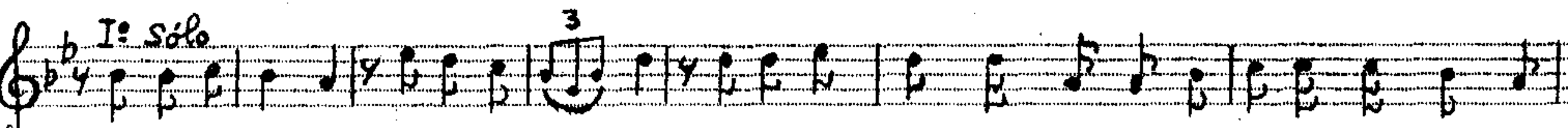
CANTO PRIMAVERIL



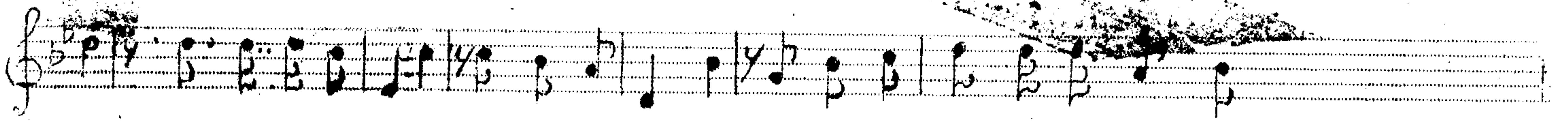
Como são lindos os passa---rinhos que têm seus ninhinhos nos palmeirais;



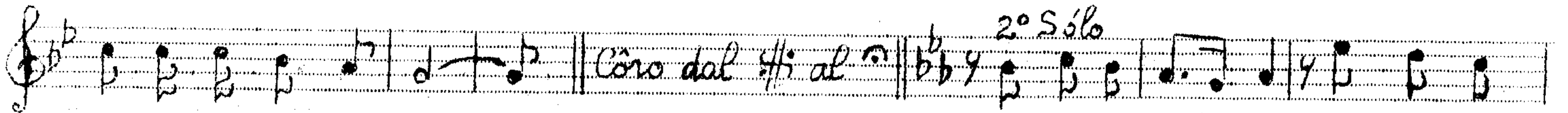
e cantam nas matas mil harmonias e melo--dias e melo--dias sentimen---tais.



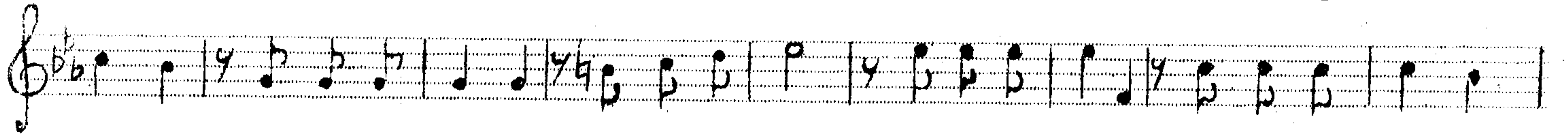
Como são lindas as borbole---tas que desin--quietas, que desin--quietas de flor em



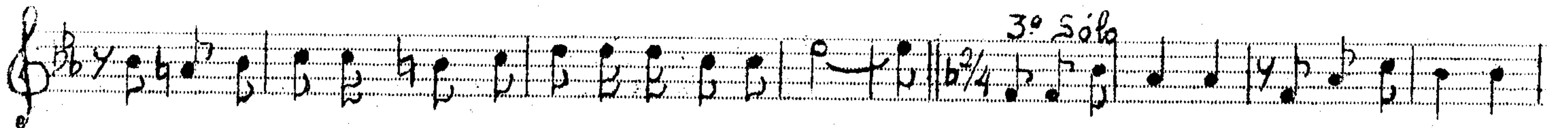
flôr Num vôo constante em tôrno delas sôbre as mais belas sôbre as mais



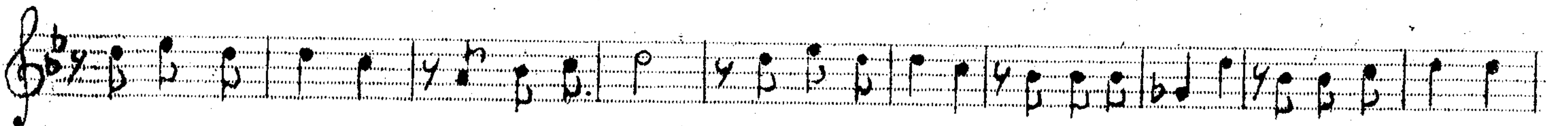
belas se vão dispôr. Pelas compinas que lindas



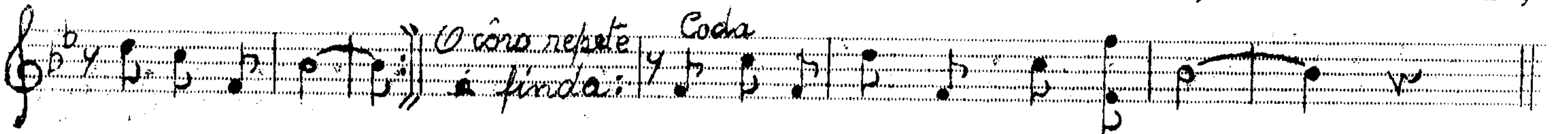
flores ! Quantos o--dores, que linda côr ! Terra formosa, terra que---ri-da



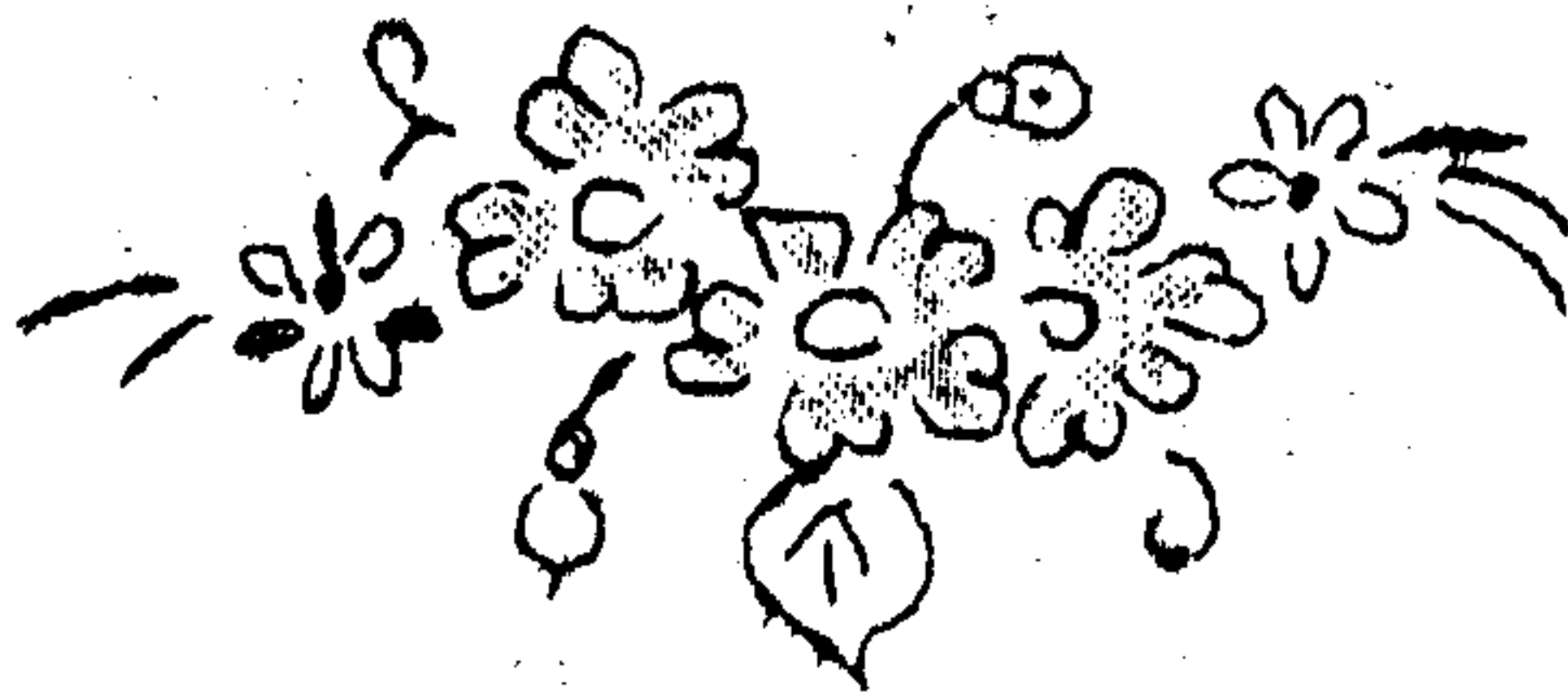
de nossa vida, de nossa vida és puro amor. Terra de sonhos, tardes amenas



noites serenas, terra gentil ! Que formosura na natureza, na nature-----za,



tens, ó Brasil. Tens ó Brasil, tens, ó Brasil !



A C R O B A T I S M O

CASSIANO RICARDO

Parou o vento. Tôdas as árvores

quiseram ver o salto original.

Então

quedaram-se tôdas.

com os seus anéis azuis de orvalho,

e os seus colares de ouro teatral,

prestando muita atenção.

Foi como se um silêncio fofo de veludo

começasse a passear seus pés de lã por tudo.

Nisto uma fôlha

sai, muito viva, de uma rama,

e vai cair sem o menor rumor

sôbre o tapete da grama.

E'uma louva-a-deus lépido e longo

que se jogou de um trapézio

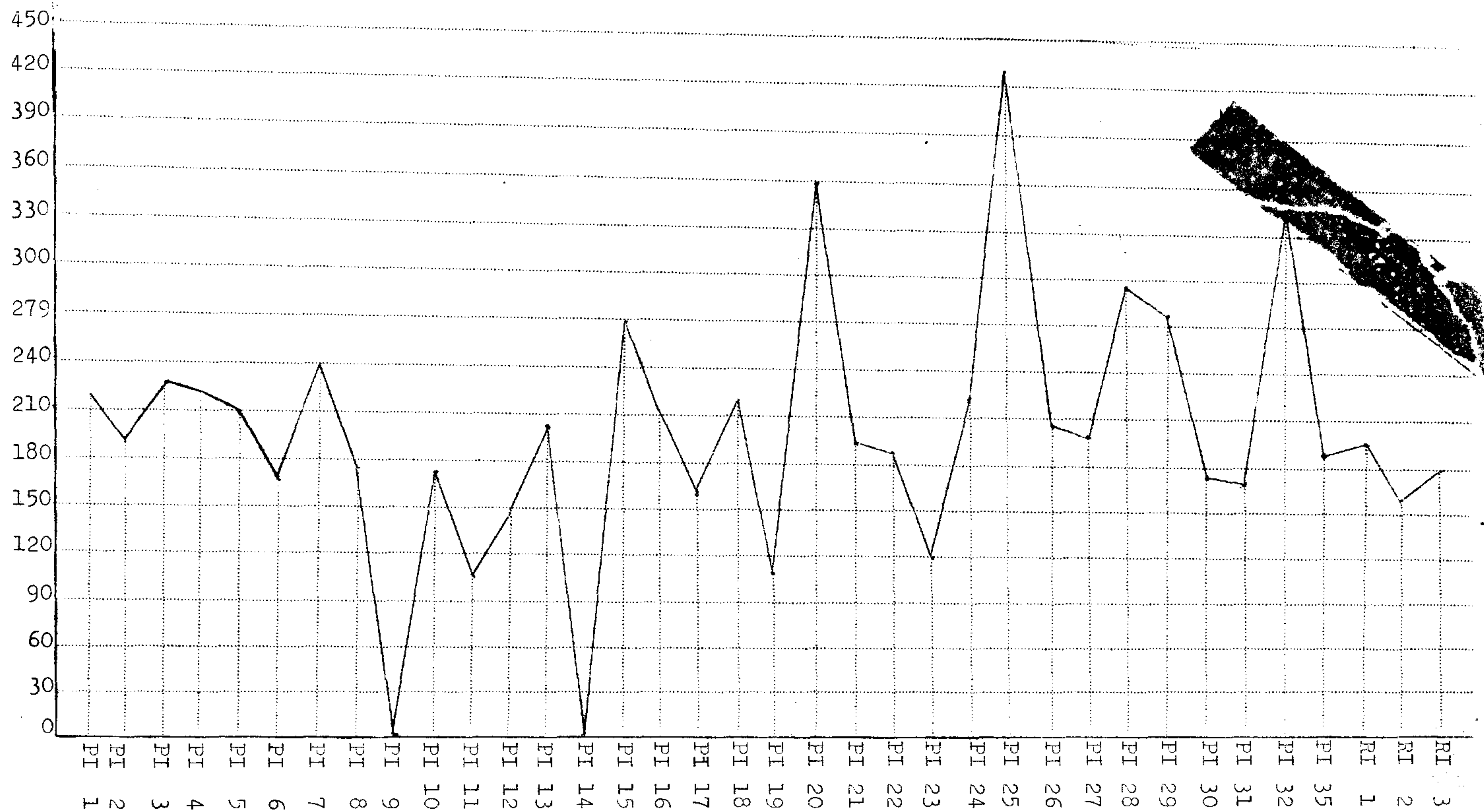
como um pequeno palhaço verde

e lá se foi, a rodopiar,

às cambalhotas

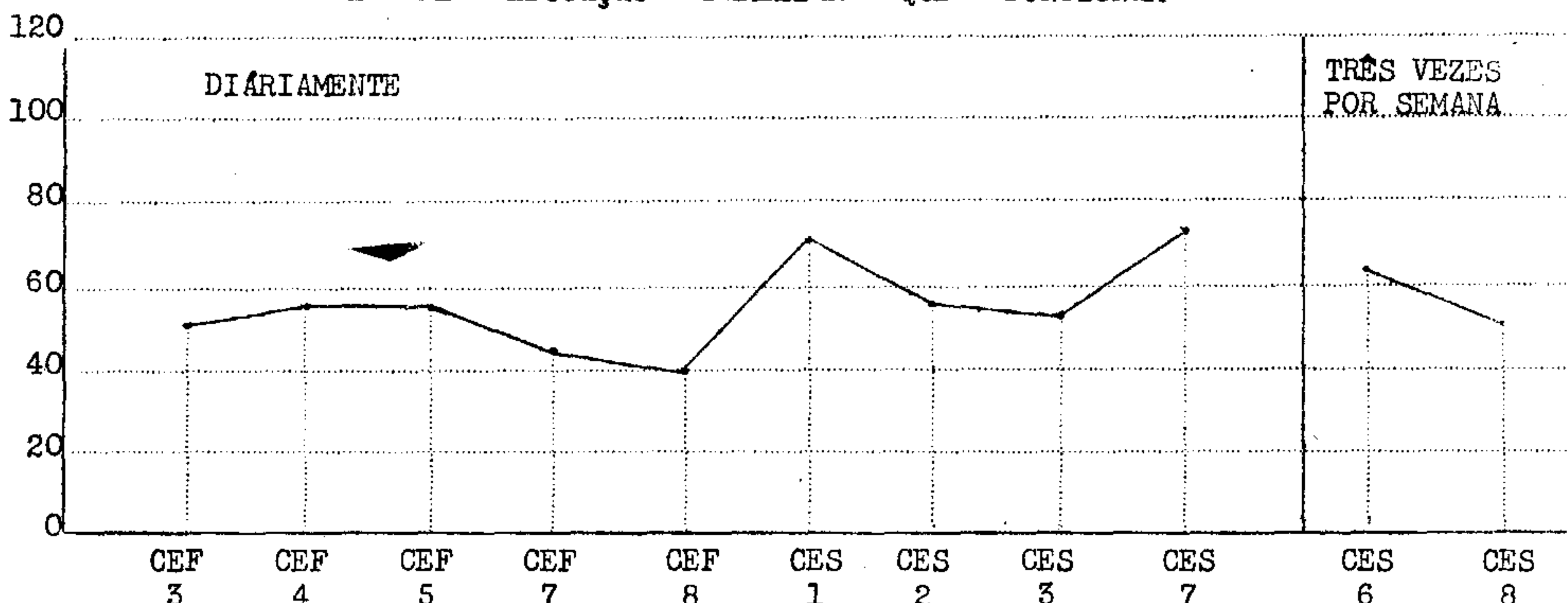
no ar.

FREQUENCIA MÉDIA DIÁRIA NOS PARQUES E RECANTOS INFANTIS
MÊS DE MAIO DE 1.955



FREQUÊNCIA MÉDIA DIÁRIA NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO SOCIAL -157-

E DE EDUCAÇÃO FAMILIAR QUE FUNCIONAM



FREQUÊNCIA MÉDIA DIÁRIA DAS UNIDADES EDUCATIVO-ASSISTÊNCIAIS DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1.955, CLASSIFICADAS EM ORDEM DECRESCENTE. (A frequência média diária dos Parques e Recreios e Recantos Infantis corresponde à soma dos educandos que frequentam os dois períodos.)

PARQUES INFANTIS

P.I. Princesa Isabel.....	428
P.I. Padre Anchieta.....	360
P.I. Alto de Vila Maria.....	339
P.I. Santa Teresinha.....	294
P.I. D. Anita Costa.....	279
P.I. Casa Verde.....	269
P.I. D.N. Ippólito.....	239
P.I. Lapa.....	226
P.I. Borba Gato.....	221
P.I. D. Pedro II.....	217
P.I. Brooklin.....	217
P.I. Santos Dumont.....	216
P.I. São Rafael.....	212
P.I. Barra Funda.....	210
P.I. Cidade Lider.....	205
P.I. Consolação.....	198
P.I. São Miguel.....	198
P.I. Osasco.....	191
P.I. Monte Castelo.....	189
P.I. D. Pedro I.....	187
P.I. Itaim.....	187
P.I. Pres. E. Dutra.....	176
P.I. Angelo Martino.....	173
P.I. Vila Maria.....	171
P.I. São Paulo.....	170
P.I. Catumbi.....	163
P.I. Ibirapuera.....	158
P.I. Regente Feijó.....	147
P.I. José Roberto.....	119
P.I. D.L.M. de Barros.....	114
P.I. Bom Retiro.....	101
P.I. Penha.....	-
P.I. B. Calixto.....	-

RECANTOS INFANTIS

R.I. Praça da República.....	194
R.I. Buenos Aires.....	180
R.I. Jardim da Luz.....	160

RECREIOS INFANTIS

R.C. Vila Mazzei.....	94
R.C. Pedroso de Moraes.....	92
R.C. Almeida Junior.....	63

CENTROS DE EDUCAÇÃO FAMILIAR

C.E.F. Barra Funda.....	56
C.E.F. Borba Gato.....	56
C.E.F. Lapa.....	50
C.E.F. D.N. Ippólito.....	42
C.E.F. Tatuapé.....	40

CENTROS DE EDUCAÇÃO SOCIAL

C.E.S. D.N. Ippólito.....	75
C.E.S. D. Pedro II.....	68
C.E.S. D. Pedro I.....	57
C.E.S. Lapa.....	53

CENTROS DE EDUCAÇÃO SOCIAL QUE FUNCIONAM TRÊS VEZES POR SEMANA

C.E.S. Catumbi.....	61
C.E.S. Tatuapé.....	47

NOTA:- Continuam fechadas as seguintes Unidades;

P.I. Penha e P.I. B. Calixto.

oooooooo\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$oooooooo

